# O FOGO DE 51:

## Entre a memória oficial e as subterrâneas

Rejane Cristine Santana Cunha[1]

**RESUMO:** O presente trabalho traça uma abordagem sobre um fato histórico conhecido como *O Fogo de 51*, um conflito armado entre índios e autoridades governamentais em consequência da criação do Parque Nacional do Monte Pascoal - PNMP, no extremo sul baiano. Esse episódio ocorreu em 1951, e foi ofuscado pela memória oficial, mas encontra-se vivo nos arquivos mnemônicos da comunidade indígena Pataxó de Barra Velha, Porto Seguro/BA. "*O Fogo de 51*" marcou a trajetória de vidas de índios Pataxó provocando a dispersão do grupo e a criação de novas aldeias nas proximidades de Barra Velha. Despertou o sentimento de pertença e revelou o envolvimento de lideranças indígenas com militantes do PCB em defesa territorial. Nessas memórias subterrâneas evidenciamos a voz do índio e sua representação, o que provoca um abalo às estruturas e/ou desconstrói a versão oficializada pela sociedade envolvente.

**Palavras-chave**: comunidade Pataxó, conflitos interétnicos, territorialidade.

*O Fogo de 51* foi mais uma tentativa de domínio ou expropriação de terras, por interesses de não-índios e, ao mesmo tempo, resistência dos Pataxó de permanecerem em sua área territorial. Um fato que aconteceu em 1951, na Aldeia Barra Velha – Porto Seguro/BA, em meio a lutas pela demarcação de terras e pela criação do PNMP (Parque Nacional do Monte Pascoal) [2]. Esse fato, também conhecido pela comunidade local como a revolta de Barra Velha, revela que embora houvesse relações de amizade e compadrio entre índios e não-índios havia uma parte da elite que, dominada pelo desejo de poder, hostilizava indígenas pela ganância de possuírem as terras de quem ali já se encontrava bem antes da chegada do branco–colonizador.

Esse conflito começa a partir de 1940, quando governo federal determina o ponto exato do descobrimento do Brasil – o Monte Pascoal, visto pela esquadra de Cabral em 22 de abril de 1500. O Monte pascoal se tornou importante marco histórico. Diante disso, por decreto foi criado o Parque Nacional do Monte Pascoal em 1943, delimitando as terras indígenas.

> Em 1951, sabendo que haveria um parque dentro de suas terras, os índios Pataxó procuram o serviço de proteção ao índio no Rio de Janeiro, para garantir o direito das suas terras, mas não obtiveram êxito. Pouco tempo depois aparecem na aldeia de Barra Velha dois homens que disseram ser engenheiros e que demarcariam as

> terras indígenas. Reuniram os Pataxó e os conduziram à Vila de Corumbau, onde saquearam um comerciante local. A comunidade da região revoltou-se contra os índios. Três dias após, a polícia de Prado e Porto Seguro invade a aldeia de Barra Velha pela madrugada. Mataram vários índios a tiro. Espancaram outros. As palhoças foram incendiadas. As mulheres foram abusadas sexualmente. Muitos foram levados para trabalhar como escravos. [3]

Na versão dos professores Pataxó do extremo sul baiano[4], em 1949, depois de muito sofrimento pelos entraves na disputa territorial, o Capitão Honório, cacique da Aldeia Barra Velha, resolveu ir até o Rio de Janeiro para buscar o reconhecimento do usufruto das terras de sua comunidade. Chegando lá, procurou o SPI (Serviço de Proteção ao Índio), e não conseguiu obter esclarecimentos sobre a demarcação do PNMP, mas os funcionários que o atenderam se dispuseram a ajudá-lo, tomando as providências necessárias. Passaram-se dois anos e não apareceu ninguém como eles haviam prometido.

Nesse intervalo de tempo, Honório e outros índios Pataxó fizeram viagens para resolver os problemas da terra, quando conheceram os "supostos engenheiros" que se dispuseram a fazer a demarcação a todo custo: "eles vieram com uma conversa bonita dizendo que os índios eram os primeiros brasileiros e tinham direito à terra"[5]. Nesse clima de luta em defesa de seu território, prepararam-se para um enfrentamento armado, desencadeando no conflito entre índios e os representantes do governo. Os policiais incendiaram as palhoças dos índios e trocaram tiros entre si. Em consequência desse conflito armado, alguns índios se espalharam pelas matas; outros aceitaram abrigo de fazendeiros e se submeteram a um regime de exploração de mão de obra; e os mais aventureiros compuseram as periferias das cidades maiores.

A troca de tiros entre policiais e o incêndio provocado nas palhoças dos índios, permaneceram nas lembranças desses sobreviventes. Esse fogo que gerou a destruição da Aldeia Barra Velha, em 1951, e a dispersão dos Pataxó, metaforicamente, está no título desse episódio. Contudo, entendemos que *O Fogo de 51* não foi apenas uma história de "massacre", mas sim de luta do povo Pataxó em prol de seus direitos, pois esses índios persistiram nos enfrentamentos e reconquistaram seu espaço territorial, ao retornarem à Aldeia Barra Velha. Sendo assim, foi um fato histórico que marcou a trajetória desse povo e, ao mesmo tempo, despertou-os para sua afirmação identitária.

## A LIGAÇÃO ENTRE ÍNDIOS E MILITANTES DO PCB

No episódio de *O Fogo de 51*, a presença de integrantes do PCB, como engenheiros que demarcariam as terras dos Pataxó, reforça a ideia de relação amistosa entre índios e militantes comunistas. O Jornal A Tarde, de 11 de junho de 1951, destaca a ação policial, ressaltando-lhe elogios ao descrever o plano comunista na *Revolta dos Caboclos de Porto Seguro:* "[...] a polícia revela que Ary Bering que foi chamado desta capital pelo capitão Honório, chefe dos bandoleiros que estiveram em ação no sul da Bahia, foi identificado em Belo Horizonte com o nome trocado para Freitas e em Vitória com o nome de João Passos. Os policiais desses estados têm a sua ficha como atuante comunista"[6].

Nos relatos, os sobreviventes desse massacre não identificam os nomes dos supostos engenheiros, ou ladrões, como os são apontados pela comunidade. Mas descobrimos que Ary Bering, era um dos convidados do capitão Honório Borges[7]. Essa reportagem retrata a ligação de Bhering com um conhecido de Ilhéus, Nelson Schaum, representante da imprensa carioca e condenado há 10 anos, por crime não identificado. Nessa informação, o major Arsênio Alves[8] afirma a pretensão desses forasteiros de abrigarem-se em Barra Velha[9]. Nelson Schaum, esteve presente no Comitê Estadual da Bahia (CE-BA), entre os dias 22 e 24 de junho de 1946, para a organização da III Conferência Nacional do PCB, onde apresentou o informe das atividades de campo[10].

Como desempenhava tal função no PCB baiano, seria justificada a sua presença em Barra Velha, como também ser ele o parceiro de Ary Bering no Conflito Armado de 51. A operação liderada pelo Major Arsênio Alves, integralista[11], recebe severas críticas pela deturpação dos acontecimentos de Barra Velha: "o que pretende os policiais com o ridículo Arsênio à frente, esmagar as lutas dos camponeses contra latifundiários, contra a miséria e pela paz"[12]. Nesta operação, ele e o seu grupo foram apontados como cínicos inescrupulosos, destacando que o único combate foi entre os policiais que estavam tomados pelo pânico.

A reportagem apresentada, nesse jornal, apoiava a ação de luta de camponeses do extremo sul baiano. Com relação ao *Fogo de 51*, propagava-se uma ação vitoriosa para os índios: "Alastra-se a luta armada na zona sul do estado, nela revela que grupos armados continuam atacando localidades: um terror nunca visto na Bahia. No primeiro encontro com os grupos

armados, a polícia foi derrotada”[13]. Por essas informações, obtemos outra interpretação para o conflito de 51, bem como para a atuação dos Pataxó. Os índios, aqui retratados, assumem o confronto e conseguem intimidar o comando policial, dados negados pela versão oficial. Na leitura das reportagens de *O Momento,* torna-se evidente um discurso de militância partidária de esquerda. Considerado como “Jornal Vermelho”, atribuía-se a fazer o balanço de atividades do PCB da Bahia, a partir da edição de março de 1946[14].

Segundo o relato do pajé Albino[15], os supostos engenheiros chegaram à aldeia, com o apoio do capitão Honório. Estes determinaram que se reunissem todos os índios da região, para saber a opinião deles sobre a luta armada a fim de garantir suas terras. Solicitaram que convidassem todos os índios com armas, para garantir proteção à Aldeia Barra Velha. Após esta reunião, foram a Corumbau. Mas Teodomiro Rodrigues já estava de sobreaviso. Quando os supostos engenheiros com um grupo de índios chegaram, Teodomiro já os esperavam e gritou: estejam presos bandidos! E deu o primeiro disparo.

Com essa recepção, os índios flecharam Teodomiro e amarraram-no. O que nos leva a crer na organização de luta armada em defesa de suas terras, pois o Sr. Teodomiro ocupava uma área considerada como território dos Pataxó e era também o único comerciante local, possivelmente o que mantinha relações de compadrio com índios da aldeia.

Esta ação também é descrita no relato do índio Manuel Suia, quando afirma que Honório Borges determinou a ele e mais dez índios a ficarem em Barra Velha, para enfrentar o que estivesse por vir: “[...] aqui ele disse: olha vocês têm que ficar aqui, vocês não podem ir, não podem virar essa cara não”[16]. Fugir naquele momento seria ato de covardia, de deixar para trás os ideais de luta por suas terras, o que vem ao encontro das ideias do PCB.

Em Oliveira, o capitão Honório expressa ordem de permanência para o enfrentamento: “[...] daqui não vai sair ninguém. Quem tentar morre. Vou botar gente de sentinela e é pra atirar pra matar. Ninguém pode sair. Agora vamos esperar o que vem pra nós [...]”[17]. Nesse discurso o Capitão Honório assume uma postura radical de líder para garantir a presença dos índios na Aldeia, mesmo porque seriam eles os mais interessados pela permanência em Barra Velha.

Conforme os relatos, havia comentários de índios que ouviram uma discussão entre Honório e um dos supostos engenheiros. Nessa conversa, o forasteiro acusava o Capitão da Aldeia por ter-lhes enganado, pois lhes tinha assegurado que os índios iriam garantir a ação de luta armada: "você nos enganou, dizendo que os seus índios sabiam guerrear, que eram bons de flecha. Não estamos vendo nada disso aqui"[18]. Tal depoimento confirma a suspeita de que não se tratava de um saque, e revela que o plano fora combinado anteriormente, provavelmente no período em que Honório estivera fora da Aldeia. Dessa forma, o Capitão Honório estaria ciente do propósito da visita desses dois homens, não fora ingênuo e também enganado pelos forasteiros como sugerem alguns depoimentos.

No jornal *A Tarde* de 01 de junho de 1951, encontramos uma reportagem que apresentava a intenção de ataques comunistas pelos índios: "O capitão Honório havia previamente organizado o traiçoeiro ataque estando apenas à espera de dois elementos do Rio de Janeiro, conforme depõem alguns caboclos que se acham prisioneiros". Ainda nesta mesma reportagem nos é apresentada a luta pelo seu território: "A alimentação é feita comumente da caça e pesca vivendo em completa ociosidade e em constantes conflitos com os moradores de Corumbau e Caraívas porque se julgam donos de todas as terras entre aquela Aldeia e o Monte Pascoal". O que se divulgava nessa reportagem era que o plano de luta armada pela posse de terras se estenderia em todo o território, abrangendo Caraíva, Itaquera, Arraial de N. Srª. D'Ajuda o que contribuiu para o medo dessas comunidades vizinhas e apoio das mesmas à ação policial.

A influência dos "vermelhos" na causa indígena, na defesa de suas terras foi positiva no sentido de incentivar a organização de grupos indígenas em busca de direitos previstos por lei. Mas é relevante ressaltar que estes nativos, do sul baiano, já se defendiam e lutavam por suas causas muito antes de manterem contato com o SPI e com os militantes do PCB. Principalmente os Pataxó que trazem, em seu histórico de vida, as marcas da resistência a todo processo de conquista e invasão de espaço territorial. Nunca é demais lembrar.

## CAPITÃO HONÓRIO BORGES: O PIVÔ DA HISTÓRIA

O Capitão Honório, pivô de toda a trama, demonstrou sua capacidade de liderança e iniciativas em defesa dos índios Pataxó. Documentos comprovam sua influência e capacidade de busca por um ideal; sua visão de prosperidade, através do trabalho na terra, como nos aponta o fragmento abaixo:

> Mas Honório estava decidido a ir ao Rio de Janeiro para resolver aquela questão. Disse que ninguém iria parar com o serviço de roça. Todo mundo precisa comer. [...] Dias depois andou assuntando o terreno, mas não estava favorável para o cacau. [...] Acabou botando uma roça de mandioca e fez um crime de porcos. Em pouco tempo já estava dando porcos à meia para criar, porque não podia mais dar conta de tanto porco[19].

O fato de o mesmo se deslocar a pé até Caravelas e seguir numa embarcação para Vitória (ES), com destino ao Rio de Janeiro, a fim de estabelecer contato com o Gal. Rondon, Presidente Getúlio Vargas e os encarregados do SPI seria motivo de reconhecimento de sua importância no processo dessa luta social. Aliás, é importante registrar que o capitão Honório foi quem, de fato, apresentou esta comunidade de índios às autoridades nacionais, pois conforme os relatos documentais, até 1940, a presença de índios Pataxó era desconhecida para a sociedade envolvente.

O Capitão Honório ficou intitulado pelo jornal *A Tarde* como: "O chefe dos bandoleiros"[20], mas as suas ações demonstraram uma intenção de defender o espaço territorial da aldeia, mesmo assim foi rejeitado pelos próprios parentes indígenas. A maioria o acusava pela tragédia, por ter confiado nos forasteiros e também por influenciar outros índios no saque da mercearia, em Corumbau.

A comunidade pesquisada desconhecia reportagens jornalísticas referentes ao fato acontecido, e quando se deparavam com a imagem do Capitão em fotografia, exposta na manchete do jornal *A Tarde*, 27/05/51, "Como o Capitão Honório Relata a Rebelião de Porto Seguro" mostravam-se admirados, em especial os anciões. Nesta reportagem, a imagem do capitão é estampada e o texto lhe é favorável; possibilitando novas interpretações ao episódio. Nessa perspectiva, os relatos oficiais passam a ser revistos, o que poderia provocar para a opinião pública um outro olhar para julgamento deste episódio.

Nesta matéria, o repórter claramente duvida das mensagens enviadas pelas autoridades de Porto Seguro, por correio telegráfico; coloca o temido réu como vítima da situação e herói de sua comunidade "tratemos ele de capitão para valorizar as batalhas", apresentando-o como sub-decano de um vilarejo de caboclos. Descreve para o leitor o tipo físico deste índio, acentuando um biotipo fragilizado pela idade e pelas dificuldades de sobrevivência frente às condições de miséria vividas pelos habitantes de seu vilarejo. Destaca a liderança deste índio, por conseguir recursos com o governo Federal, para sua comunidade; já que viviam desassistidos de qualquer ação governamental.

COMO O "CAPITÃO" HONÓRIO RELATA
A REBELIÃO DE PORTO SEGURO

Um velho cabôclo de 85 anos, que nem poude fugir — Os indios foram vitimas da exploração de dois audaciosos aventureiros.

*Justiçados com a morte pelo crime que cometeram*

FIGURA 10: Capitão Honório Borges. Jornal A Tarde, 27 de maio de 1951, Salvador/BA.

Para Adalto Saracuri Pataxó[21], Honório buscou o reconhecimento do seu povo, embora muitos o apontassem como "o cabeça" de todo o conflito. Ele vê na ação de Honório uma manifestação de luta social, observando que naquela época do *Fogo de 51* os homens da Aldeia enfrentavam sérios problemas com fazendeiros e madeireiros, e se não houvesse esse enfrentamento não estariam hoje em Barra Velha com o território assegurado: "... perdemos muitos parentes, mas os governantes reconheceram. Não existe luta sem sofrimento". Não soube me dizer o que aconteceu com o Capitão após o massacre de 51. Mas se preocupa em manter viva esta história, como reconhecimento da força dos mais velhos, na luta pelos direitos dos índios. Pensa que a Aldeia precisa ter uma praça ou monumento para rememorar a história do *Fogo de 51*. Com este marco o pivô da história será relembrado e levado a julgamento como o mártir ou causador de todo martírio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O Fogo de 51*, marco na história Pataxó, foi um divisor de águas na trajetória desse povo. Se por um lado marcou vidas em detrimento da violência; por outro, provocou um renascimento social à Aldeia Barra Velha. Inegavelmente, foi um fato que despertou a própria comunidade a repensar suas origens e seus direitos: "Lutaram 22 famílias em 1951, hoje são 3 mil índios, cerca de trezentas e quinze famílias, se eles lutaram e conseguiram naquela época, porque a gente não?"[20] As conquistas provenientes do conflito de 1951 foram determinantes para que a comunidade Pataxó acreditasse que o homem não é um ser submetido ao seu determinismo, pois através da luta ele pode reverter a sua história.

Para as gerações que cresceram ouvindo esta história, pelos pais e parentes mais velhos, a experiência do Fogo de 51, torna-se fonte de sabedoria no processo de conquistas do grupo. Como nos mostra Nytinawã[22] quando se utiliza de uma memória coletiva para repensar a situação de sua mãe e demais parentes, no período de 1951, e na condição subumana a que se submeteram para sobreviver, através da exploração de mão-de-obra, nas fazendas de cacau e café, de quem os acolhiam.

> Minha mãe mesmo foi uma das pessoas que sofreu muito nesse massacre de 51, porque ela conta que ela ficou perdida 15 dias, né? Na mata... dentro da mata. Passando fome, dormindo, comendo orelha. Aqueles que vocês chama de fungo. Orelha de pau. Ela conta muita coisa triste. Depois eles tiveram que trabalhar pra fazendeiro. Tipo um escravo. Ela diz que capinava não sei quantas tarefas de terra. Com aqueles cavador de pau, pra poder eles dar alimentação pra eles, só em troca de um prato de comida... um prato de comida. Aí trabalhava dia e noite, fazendo... plantando...e aí dormia nessas fazendas. Quando terminava aqueles trabalho, aí o pessoal mandava eles embora, eles ia procurar outro lugar. A vida deles foi muito sofrida. Muito, muito. Foi humilhante assim.[23]

Segundo a depoente essas humilhações enfrentadas pelo grupo dos sobreviventes, são lembranças que devem funcionar como um fator de motivação, para as gerações mais novas, pois os Pataxó não permaneceram por muito tempo nessa condição de subserviência; eles retornaram à Aldeia e brigaram para serem donos de suas próprias roças. Já que para Halbwachs lembrar não é meramente reviver, e sim refazer com imagens e idéias de hoje as experiências do passado, a memória deixa de ser sonho e passa a ser trabalho, tendo como via de instrumento a socialização da linguagem que tem o poder de unificar e aproximar, no

mesmo espaço histórico, o desejo da interferência para a reconstrução histórica sob um outro olhar, uma outra leitura[24].

*O Fogo de 51* embora traga amargas lembranças, valeu para o reaparecimento do povo Pataxó frente à sociedade nacional, provocando um *renascimento social.* Pois foi através desse conflito que os Pataxó se encaminharam para o reconhecimento de direitos que julgavam existir. Passaram a conhecer as leis, lutar para que fossem reconhecidos como índios pelo SPI e manter contato com os respectivos representantes. De certa forma, o massacre serviu para uma luta de conquistas em benefício da comunidade de Barra Velha.

---

[1] Professora Auxiliar, do curso de Licenciatura em Letras, pela Universidade do Estado da Bahia – Campus VXIII. Mestre em História Regional e Local pela UNEB. resantana110@hotmail.com.
[2] Através do Decreto Lei 12.727 de 19 de abril de 1943.
[3] SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. *Breve História da Presença Indígena no Extremo Sul Baiano e a Questão do Território Pataxó do Monte Pascoal*. XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum de Pesquisa 3: "Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação". Brasília, 2000, p.7.
[4] *Uma História de Resistência*. Org: Professores Pataxó do Estremo Sul da Bahia. Salvador: Associação Nacional de Ação Indigenista: CESE, 2007, p. 14-26.
[5] Idem, 2000, p. 17
[6] "Revolta dos caboclos de Porto Seguro". Jornal A Tarde, Salvador, 11 de junho de 1951.
[7] "Ari Bering fugiu". Jornal A tarde, Salvador, 01 de junho de 1951.
[8] Major Arsênio Alves pertencia ao grupo dos integralistas, aliados ao governo de Getúlio Vargas e Régis Pacheco, e delegado regional da polícia de Ilhéus que comandou a ação dos policiais, no conflito de 1951, em Barra Velha. Ver "Impotente à polícia ante os grupos armados". Jornal O Momento, Salvador, 27 de maio de 1951, nº 1600.
[9] "Ari Bering fugiu". Jornal A tarde, Salvador, 01 de junho de 1951.
[10] SENA JUNIOR, Carlos Zacarias de. *Os Impasses da Estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa na Brasil 1936-1938.* São Paulo: Annablume, 2009, p.333.
[11] Os Integralistas eram oponentes dos militantes comunistas e mantinham disputas políticas acirradas.
[12] "Impotente a polícia ante os grupos armados". Jornal O Momento, Salvador, 27 de maio de 1951, nº. 1600.
[13] Idem.
[14] SENA JUNIOR, SENA JUNIOR, Carlos Zacarias de. *Os Impasses da Estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa na Brasil 1936-1938.* São Paulo: Annablume, 2009, p. 333.
[15] Entrevista realizada em 29 de maio de 2010, em Barra Velha, Porto Seguro/BA.
[16] KOHLER, Florent. *Le massacre de 51: um exemple d'eleboration de mémoire coletive.* França. Université d"Alngeres. 2004, p. 5. [dissertação de mestrado].
[17] OLIVEIRA, Cornélio Vieira de. *Barra Velha:* o último refúgio. Londrina: 1985, p.55
[18] Idem, p. 20
[19] Idem, p.16
[20] "O chefe dos bandoleiros", Jornal A Tarde, Salvador, 01 de junho de 1951.
[21] Adalto Pataxó, liderança da Aldeia Barra Velha, bisneto do capitão Honório Borges. Entrevistado em 27 de maio de 2010, em Barra Velha, Porto Seguro/BA.
[22]Depoimento de Nytinawã, filha de D. Ana Pataxó, Coroa Vermelha, 2009.
[23] Idem.
[24] HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 18.